DOI: 10.33148/CES.V40I2.2779

"ELE VEIO PARA UM AMBIENTE DE PAZ E DE ACOLHIMENTO": reflexões etnográficas sobre educação intercultural e migração venezuelana na prática docente em uma escola municipal do Recife-PE[1]

Cibele Maria Lima Rodrigues[2]
Eduardo Andrade[3]
Wagner Lins Lira[4]

RESUMO

O avanço da migração venezuelana em vários países da América Latina tem evidenciado diversos desafios no âmbito da educação, inclusive no Brasil. O interesse do presente ensaio é desenvolver reflexões sobre a prática docente numa escola pública municipal do Recife-PE, a partir da sua relação com estudantes migrantes da Venezuela. Para tal, utilizamos elementos etnográficos como a observação participante, a entrevista semiestruturada e o preenchimento de um caderno de campo. O pesquisador esteve presente em quatro momentos distintos a fim de experienciar a rotina e entrevistar uma docente da turma de primeiro ano do Ensino Fundamental. Como aporte teórico e analítico, usamos a perspectiva de interculturalidade crítica sobre a educação, uma vez que, através dessa lente, é possível buscar perceber, reconhecer e construir relações inclusivas diante da diversidade cultural, colocando o foco no fenômeno migratório que parte da Venezuela. Como resultado, a partir da fala da docente e da nossa vivência etnográfica, identificamos que, apesar da ausência de suporte institucional, a professora trouxe reflexões que contribuem para um caminhar coletivo intercultural e crítico no chão da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Migração venezuelana; Interculturalidade crítica; Escola municipal; Etnografia escolar.

1 Pesquisa desenvolvida com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

2 ORCID: 0000-0003-4310-4216 - Filiação institucional: Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) - E-mail: cibele.rodrigues@fundaj.gov.br.

3 ORCID: 0009-0006-8815-1533 - Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: eduardo.eduardoandrade.andrade@gmail.com.

4 ORCID: 0000-0002-5174-980X - Filiação institucional: Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: wagner.lira@ufrpe.br.

"HE CAME TO AN ENVIRONMENT OF PEACE AND ACCEPTANCE": ethnographic reflections on intercultural education and Venezuelan migration in teaching practice at a municipal school in Recife-PE

ABSTRACT

The increase in Venezuelan migration across various Latin American countries has highlighted several challenges in the field of education, including in Brazil. This essay aims to reflect on teaching practice at a municipal public school in Recife (Pernambuco), specifically regarding the interaction with migrant students from Venezuela. To this end, we employed ethnographic methods such as participant observation, semi-structured interviews, and field journal entries. The researcher visited the school on four separate occasions to experience the daily routine and interview a first-grade teacher. Theoretically and analytically, we adopted the perspective of critical interculturality in education; this lens allows for perceiving, recognizing, and building inclusive relationships amidst cultural diversity, while focusing on the migration phenomenon originating in Venezuela. The findings—derived from the teacher's statements and our ethnographic experience—reveal that, despite a lack of institutional support, the teacher offers insights that contribute to a collective, critical, and intercultural approach within the school environment.

KEYWORDS: Venezuelan migration; Critical interculturality; Municipal school; School ethnography.

“LLEGÓ A UN ENTORNO DE PAZ Y ACEPTACIÓN”: reflexiones etnográficas sobre la educación intercultural y la migración venezolana en la práctica docente de una escuela municipal del Recife-PE

RESUMEN

El aumento de la migración venezolana en diversos países de América Latina ha puesto de relieve varios desafíos en el ámbito educativo, incluido el caso de Brasil. Este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre la práctica docente en una escuela pública municipal de Recife (Pernambuco), específicamente en lo que respecta a la interacción con estudiantes migrantes provenientes de Venezuela. Para ello, se emplearon métodos etnográficos como la observación participante, las entrevistas semiestructuradas y las notas de diario de campo. El investigador visitó la escuela en cuatro ocasiones para conocer la rutina diaria y entrevistar a una docente de primer grado. Desde una perspectiva teórica y analítica, se adoptó el enfoque de la interculturalidad crítica en la educación; esta óptica permite percibir, reconocer y construir relaciones inclusivas en medio de la diversidad cultural, al tiempo que se centra en el fenómeno migratorio originado en Venezuela. Los hallazgos —derivados de los testimonios de la docente y de nuestra experiencia etnográfica— revelan que, a pesar de la falta de apoyo institucional, la maestra aporta perspectivas que contribuyen a un enfoque colectivo, crítico e intercultural dentro del entorno escolar.

PALABRAS CLAVE: Migración venezolana; Interculturalidad crítica; Escuela municipal; Etnografía escolar.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a evolução humana demonstra ter forte relação com o território habitado pelas populações, seja pelo plantio, relação com o clima ou conexão com o espaço. Durante a trajetória do ser humano sobre o planeta, vem sendo cultivadas práticas de dominação, subalternização e silenciamento de grupos étnicos com o objetivo de conquistar territórios, implementar modos de vida e estabelecer conhecimentos, fenômenos que se inserem nas práticas da chamada modernidade (Quijano, 2019).

O Século XXI traz exemplos constantes e explícitos de estratégias que têm por objetivo a dominação de experiências que fogem da lógica eurocêntrica, como as praticadas por comunidades de quilombolas, povos indígenas e pessoas negras. Tomando como exemplo a Venezuela, há aproximadamente uma década, o país tem lidado com uma crise econômica provocada principalmente pelos embargos norte-americanos que, associados à má gestão na extração e venda do petróleo, tem gerado problemas no setor de alimentação, no mercado de trabalho e na preservação da natureza, sendo estas apenas as áreas mais afetadas (Salmerón; Salmerón, 2019).

Com isso, a população da Venezuela tem enfrentado grande desequilíbrio econômico e político, que impacta a educação, o comércio, e a atuação profissional de milhares de pessoas. Assim, em um cenário que não apresenta melhoria, a migração internacional tornou-se uma alternativa para muitas pessoas naquele país (Weitzman; Huss, 2024).

Mudar-se para países vizinhos tem sido uma alternativa dos venezuelanos, e o Brasil acaba sendo um dos principais destinos. Esse movimento fez o território brasileiro chegar a ter o número de 271.514 residentes oriundos da Venezuela, segundo dados referentes a 2022. Em sua grande maioria são famílias inteiras que chegam ao Brasil (Salmerón, Salmerón, 2019; IBGE, 2025; Dantas *et al*., 2025).

Somado a isso, ao tentar compreender a magnitude com que o movimento migratório se articula, percebe-se que estratégias de resistência surgem de diferentes formas, inclusive pela migração em si. Além do mais, aspectos culturais e de vivência do local de origem resistem nos caminhos por meio de seus cidadãos e cidadãs, mesmo quando estão fisicamente distantes. Através de suas expressões culturais, onde quer que estejam, migrantes encontram maneiras de se conectar por meio da música, língua, comida, danças, histórias, nunca esquecendo, assim, de suas memórias e identidades (Barbosa *et al*., 2020; Lucena, 2023; 2024).

A escola e o processo de escolarização se configuram como importantes elementos para o desenvolvimento socioeducativo das crianças que protagonizam o

movimento de migração (Lucena, 2023; 2024; Baptaglin; Oliveira, 2024; Lins, 2024; Monteiro de Oliveira, 2024). Portanto, o objetivo deste trabalho é compreender como as práticas de docentes no território brasileiro chegam a migrantes da Venezuela. Mais precisamente, queríamos entender como a docência pode se mover diante da elaboração de uma educação intercultural ao atender estudantes da Venezuela em uma escola municipal da cidade do Recife-PE.

Partindo disso, apresentamos como objetivo principal o desenvolvimento de reflexões sobre a prática docente em uma escola municipal do Recife em sua relação com estudantes migrantes da Venezuela. Os objetivos específicos são: descrever elementos da educação intercultural e analisar, a partir da fala de uma docente na rede municipal as possibilidades da educação intercultural.

Para a fase de campo da pesquisa, em uma abordagem com elementos etnográficos, estabelecemos como lócus da pesquisa uma escola municipal que tem estudantes com as características já descritas, a fim de observar, participativamente, a prática docente nesse contexto, utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada com a docente, levando algumas questões norteadoras com o propósito de compreender, a partir de suas próprias concepções, como a interculturalidade está presente na prática, considerando estudantes migrantes da Venezuela no ambiente escolar.

A seguir, levando em conta aportes teóricos, analisamos o que é discutido sobre a educação interculturalmente crítica, dialogando com a realidade migrante e seu acesso à educação pública brasileira. Da mesma forma, discutimos sobre o que caracteriza uma pesquisa no âmbito da etnografia e seus desdobramentos, trazendo como exemplos outras pesquisas em suas articulações sobre estudantes da Venezuela em escolas públicas no Brasil.

2 APORTES TEÓRICOS

De início, refletimos sobre o que Catherine Walsh (2009; 2012) e Candau (2020) compreendem por interculturalidade crítica e como este conceito se aplica à educação brasileira. Posteriormente, analisamos algumas pesquisas acadêmicas desenvolvidas em escolas públicas nas quais a etnografia foi utilizada para buscar compreender melhor a realidade educacional. De igual modo, apontamos elementos que compõem uma pesquisa etnográfica na educação básica, por entender que esta metodologia se aproxima mais da vivência do dia a dia escolar.

No movimento migratório latino-americano, a escola se localiza como um dos principais campos de inserção e interação social, devido à articulação direta com

diversas pessoas da comunidade em que está inserida. Contudo, quando jovens em condição de migração adentram ao ambiente escolar, exercendo o direito de acesso à educação pública, ainda é possível encontrar muitos desafios sociais e estruturais, como racismo, xenofobia, aporofobia, entre outros (Russo *et al*., 2020; Matos-de-Souza *et al*., 2022; Lucena, 2023; Saforcada, Ximenes, 2024).

Neste cenário, docentes no Brasil localizam-se em um campo de disputas pois, se, por um lado, estão diante da necessidade de repensar sua prática com a complexidade do movimento migratório latino-americano que chega em suas salas de aula, por outro, há a alarmante carência de políticas públicas e suporte institucional para lidar com as demandas particulares dessa realidade (Miyahira; Molinari, 2020; Pires, 2021; Lucena, 2023; 2024).

Na perspectiva dos migrantes, desafios também são encontrados quando enfrentam limitações no acesso à escola pública (Dantas *et al*., 2025), o que reflete, também, o desconhecimento e invisibilização do poder público em relação às necessidades e especificidades de sujeitos que estão na condição de migrantes. Assim sendo, quando tais problemas são identificados, o que é feito após a tomada de consciência pode construir novas pontes ou levantar novos muros.

Portanto, no caso de profissionais da educação no chão da escola, a chegada de estudantes na condição de migrantes no Brasil evidencia a ausência de suporte didático e pedagógico para que seja mais humano o processo de acolhimento e desenvolvimento educacional dos migrantes.

Diante desse fato, os profissionais de educação utilizam a própria *práxis* como ferramenta docente a fim de suprir suas necessidades na construção e manutenção de um espaço de crescimento humano, ético e cultural, à luz de uma diversidade ainda mais plural do que a já conhecida no Brasil, abraçando, desta forma, outras nacionalidades presentes no território brasileiro (Portela *et al*., 2018; Avelino, 2020; Damaceno, 2020; Andrade *et al*., 2025).

Quando falamos sobre educação intercultural no contexto de migração latino-americana, o diálogo de Walsh (2009; 2012) deságua na interculturalidade, pensamento que busca trazer e enaltecer vozes, culturas, vivências, e testemunhos que outrora foram subalternizados pela colonialidade do ser, do saber e do poder (Quijano, 2019; Candau, 2020).

Por essa perspectiva, observamos que a inserção da pessoa migrante na escola é, quase sempre, efetivada apenas pela linha "funcional" da interculturalidade, uma vez que as violências contra a identidade, etnia, ancestralidade, e expressão em outras

culturas continuam persistentes mesmo após a garantia de acesso do sujeito migrante ao ambiente escolar.

Diante disso, Walsh (2009) traz luz à lógica colonialista na articulação da relação entre culturas, quando se trata da diversidade cultural. Para ela, a "interculturalidade funcional" é aquela em que as diferenças são elucidadas, mas a fim de serem manipuladas por mecanismos do poder, controle e conservação social.

Em contraponto, a interculturalidade crítica não só reconhece a importância de outras culturas, mas também aborda ativamente as diferenças, como se constituem, e a partir daí, como as pessoas em sociedade podem progredir, reconhecendo os padrões articuladores dos mecanismos que fizeram com que algumas culturas estivessem no lugar da subalternização, enquanto outras estivessem no de supervalorização (Candau, 2020).

Neste sentido, ao trazer essa teoria para o campo educacional, é possível identificar como diversos temas são abordados, pois falar de educação intercultural vai além do diálogo, da relação entre culturas como característica de hábitos de diferentes grupos sociais. É falar sobre respeito, acolhimento, compreensão, superação de estigmas e desafios vivenciados na sociedade.

A interculturalidade crítica provoca a reflexão e a ação sobre e com os membros que compõem determinado recorte social para que, assim, cada cidadão e cidadã possa desenvolver-se como sujeito social e, consequentemente, como coletivo (Candau, 2020).

Como mencionado anteriormente, as políticas públicas ainda desconhecem grande parte, quando não por completo, do perfil discente de origem estrangeira que frequenta as escolas. Nesse contexto, localizamos docentes utilizando como ferramenta de apoio pedagógico formação e experiências próprias as quais se tornam sua epistemologia profissional da educação (Portela *et al*., 2018; Avelino, 2020; Damaceno, 2020; Lima, 2020; Miyahira; Molinari, 2020).

Nessa ótica, quando buscamos por outras realidades no Brasil que se aproximem dos sujeitos e campo aqui determinados, localizamos um total de seis trabalhos acadêmicos que articulam a migração venezuelana, educação pública, e os pressupostos de uma experiência etnográfica. Reconhecemos que esse método proporciona uma experiência mais próxima da realidade social no tema abordado.

Devido às limitações deste texto, selecionamos três investigações para articular com o que a teoria acadêmica discute sobre o procedimento de pesquisas qualitativas interpretativas com elementos etnográficos.

Ao analisarmos essa área, identificamos que o conceito de etnografia passou por diversas reformulações através dos tempos, principalmente, devido às intenções de uso dos dados surgidos nos vários campos de estudo e seus sujeitos. Trazendo foco para os recentes anos, podemos ver relações e interações mais humanas, respeitosas, e abertas a levar em conta a realidade dos sujeitos dos fenômenos estudados (Schmidt, 2006).

De início, apresentamos algumas reflexões a partir do trabalho etnográfico de Lamarão (2025), enquanto docente da disciplina de Português em uma escola estadual militarizada em Roraima. Lá ela encontrou em um ambiente bilíngue (português e espanhol são falados), por estar a escola localizada em um estado fronteiriço com a Venezuela que, devido à chegada e passagem de estudantes falantes de espanhol, adequou-se à realidade social.

Além disso, por ter feito uma investigação sobre a prática docente, além de focar em uma professora de espanhol e outra de português, incluiu-se como sujeito de pesquisa, deste modo, caracterizando a pesquisa como autobiográfica, uma vez que, também, investigou seu próprio papel enquanto docente naquele contexto. Cabe acrescentar que o tempo é um importante fator na pesquisa etnográfica. Aqui, ela desafiou-se com a participação observante, acumulando o total de 24 horas de observação de sala, 18 de português e 8 de espanhol, além das anotações que fez em seu caderno de campo durante as atuações das docentes participantes e dela mesma.

Em continuidade, Sánchez (2024) traz sua experiência como docente de Língua Espanhola. Colombiano, ele ensinou o Português como Língua de Acolhimento (Plac) quando estava em uma escola integral na Paraíba. Apesar do autor apontar o uso da autoetnografia, não identificamos em que ponto da pesquisa o autor põe-se enquanto sujeito da investigação, visto que seus interlocutores são quatro estudantes de duas escolas, uma no centro da cidade de João Pessoa e uma escola estadual em outro município da Paraíba. Neste caso, temos alguns exemplos acerca da imprevisibilidade e necessidade de adaptação que a pesquisa etnográfica requer de quem a ela se propõe.

Considerando que o autor é docente de Plac, ele utiliza alguns momentos das aulas para as entrevistas com perguntas semiestruturadas. Entretanto, como os sujeitos de sua pesquisa têm idades diversas, as séries e as necessidades educacionais também variam. Portanto, o investigador traz o relato sobre situações em que, mesmo tendo preparado um roteiro de entrevista e suas perguntas norteadoras, é no real momento e no ambiente da aplicação que a dinâmica ocorre e, por vezes, o improviso se faz necessário.

Em seguida, avaliamos os procedimentos metodológicos de Lucena (2023) em seu doutoramento. Ela relata que, por morar no município de Igarassu-PE, atuou como voluntária na ONG Aldeias Infantis e, posteriormente, como auxiliar da docente

de uma turma de estudantes de origem venezuelana que tinha acabado de chegar ao município. Por seu trabalho ser focado na experiência infantil migrante, as estratégias exigiram ainda mais cuidado e atenção.

Assim, após ter contato com as famílias responsáveis e obtido autorização delas, a autora aplicou uma oficina de desenho com seus interlocutores, as crianças venezuelanas, e, a partir das produções e falas analisadas, destacou as sequências discursivas (SDs) que surgiram de acordo com seu referencial teórico.

Entendemos que, para além das adaptações inerentes à prática etnográfica, como o ambiente da entrevista ou roda de conversa, a disponibilidade dos participantes e sua disposição para abordar determinados temas, torna-se imprescindível que a pessoa que está pesquisando adeque continuamente as ferramentas metodológicas empregadas.

A adaptação visa garantir que os sujeitos da pesquisa possam compartilhar suas vivências, pensamentos e sentimentos em condições de respeito e acolhimento, contribuindo não apenas para a fundamentação analítica, mas, sobretudo, para a construção de um ambiente em que os interlocutores se sintam confortáveis e com confiança ao longo de todo o processo investigativo.

Nos três trabalhos apontados, é possível também perceber que os procedimentos éticos de pesquisa adotados pelas investigadoras e pelo investigador caminharam alinhados à consistência, responsabilidade e efetividade do percurso das pesquisas. O uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a Autorização de Gravação em Áudio e Uso de Imagem, a autorização das pessoas responsáveis pelos sujeitos menores de idade – além da prática da observação participante e a manutenção do diário de campo – contribuíram para a segurança das informações compartilhadas, cuidado no tratamento dos dados e análise coerente com os fatos observados.

A partir disso, podemos afirmar que, apesar do período prévio ao campo – quando o pesquisador pode munir-se de conhecimentos sobre os sujeitos da pesquisa, estratégias e procedimentos para entrada e atuação no campo – a prática etnográfica abre outras janelas de saberes e experiências. Assim, mesmo treinando seu papel de etnógrafo, o território pode apresentar necessidade de reformulações sobre seu próprio protocolo, tempo, questionamentos, e outras influências, pois os dados não estão postos à espera da inserção do pesquisador no campo. Eles precisarão ser construídos ao longo da vivência com e a partir dos sujeitos, sempre utilizando o caderno de campo e seu aparato epistemológico como apoio (Mattos, 2011; Oliveira, 2018).

Diante do exposto, a pesquisa participante provoca no pesquisador um constante movimento de reavaliação de conceitos e conhecimentos prévios, sejam eles oriundos do campo acadêmico ou não. Afinal, ao possibilitar a convivência com sujeitos

inseridos em realidades sociais distintas da do pesquisador, a abordagem demanda uma postura de abertura e receptividade diante do que o campo vai mostrar (Schmidt, 2006). Portanto, é nesta perspectiva que vemos como "[...] a interculturalidade exige novas formas comunicacionais, em que as diferenças são negociadas no processo de reconhecimento da alteridade e da diversidade cultural" (Gondin, 2020, p. 612).

Com isso, foi possível analisar e compreender o que é posto pela teoria e vivido por investigadores/as em diferentes partes do Brasil ao trabalhar com a etnografia e migração venezuelana no país. A seguir, discutimos os procedimentos e delimitações que foram cruciais para o desenvolvimento e fechamento da análise abordada na investigação.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para abrir os caminhos, apresentamos o processo que levou à escola que foi o campo de pesquisa, escolha delimitada para ser uma escola municipal da cidade do Recife que tem, em seus anos iniciais, estudantes de origem venezuelana.

Como demonstrado anteriormente, há um considerável número de pesquisas acadêmicas que trabalham os processos educativos de pessoas na condição de migrantes focando nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio como campos de pesquisa. A partir disso, devido à lacuna acadêmica, buscamos compreender como é o contexto de crianças iniciando seus estudos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Em sequência, para que eu pudesse me situar sobre a realidade escolar no ano de 2025, solicitamos ao Portal da Transparência da Prefeitura da Cidade do Recife dados específicos sobre estudantes que nasceram na Venezuela que estejam matriculados/as em escolas municipais.

Como resposta, recebemos um quadro contendo todas as informações abaixo, além dos nomes de estudantes e das escolas, que retiramos a fim de preservar o sigilo dos dados:

Quadro 1

ESCOLA	ANO DE ENSINO	IDADE	SEXO	RAÇA	NACIONALIDADE	DATA DE INGRESSO
1	GRUPO V	5	FEM	PARDA	Venezuelana	22/09/2023
2	1º ANO	7	MASC	BRANCA	Venezuelana	11/02/2025
3	GRUPO V	5	MASC	PARDA	Venezuelana	13/09/2023
4	3º ANO	8	FEM	NEGRA	Venezuelana	11/03/2025

Fonte: Quadro adaptado dos dados fornecidos pelo Sege. Referência: 28/abril/2025.

Diante disso, ao identificar que a primeira e a terceira crianças estão em uma faixa educacional distinta do público-alvo da pesquisa, ao contrário das segunda e quarta crianças, decidimos prosseguir apenas com essas duas últimas. Fizemos isso ciente das possibilidades e limitações ao que é proposto fazer aqui, como idade, gênero, etnia e tempo de frequência na escola, por (de)limitar um campo ainda mais preciso de pesquisa.

Nesse contexto, buscamos contato com a gestão das escolas via ligação telefônica para marcar uma reunião, mas não obtivemos sucesso. Reformulamos, então, o protocolo a fim de iniciar o diálogo e solicitar autorização para a fase de pesquisa de campo.

Alinhado à ética da pesquisa, entramos em contato com a Secretaria de Educação da Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) objetivando conseguir uma carta de anuência para entrar em campo. Nisso, fomos orientados a buscar a aceitação da gestão escolar antes de tudo. Ao fazer isso, no contato com a gestora, já comparecemos munidos da carta de apresentação devidamente assinada pelo docente da disciplina na qual foi proposta a dinâmica etnográfica.[5]

Na visita à primeira escola, onde constava que um garoto branco de sete anos estudava, a receptividade da gestão e da docente foi ótima. Apresentamos a razão da visita, explicamos a proposta e objetivos da atividade da qual elas estavam sendo convidadas a participar, e elas foram muito receptivas desde o princípio. Após a concordância da gestão e da docente, as portas foram abertas para a presença em campo. No entanto, por causa de uma limitação de tempo, logo determinamos o período de observação das aulas para que fosse possível iniciar o estudo o quanto antes.

Quanto à segunda escola, constando ter uma garota negra de oito anos, foi presenciado um fato interessante. A solicitação dos dados foi feita no início do ano de 2025, e quando estivemos presencialmente na escola, em outubro do mesmo ano, a gestão informou que a estudante já não estava lá, pois havia retornado para cidade de Igarassu.

Diante desse fato, refletimos sobre a complexidade para compreensão científica e política do movimento migratório, que ocorre dentro do novo território nacional e também estadual. A mudança para um novo local mostra as necessidades imediatas da pessoa na condição de migrante. Com base no fato presenciado, entendemos que o

5 Este trabalho é resultado de uma atividade proposta na disciplina X, a qual tem como docente titular o professor Doutor X e tem caráter eletivo, estando disponível no Programa de Pós-Graduação em X, um curso desenvolvido pela X.

retorno a Igarassu demonstra uma relação mais forte com este município do que com a própria capital do estado de Pernambuco, a cidade do Recife.

Partindo desse contexto, vem o questionamento sobre a motivação para, primeiramente, a saída da capital pernambucana, e, em segundo lugar, por Igarassu ter sido o destino para onde foram. Essa provocação surgiu pelo conhecimento de que tanto Igarassu quanto o Recife foram os locais de referência em Pernambuco para abrir portas no processo de interiorização voluntária com a Operação Acolhida. Então, muitos imigrantes latino-americanos foram direcionados a ambos os municípios. Mesmo assim, a grande maioria se relaciona mais com Igarassu do que com o Recife (Ribeiro, 2022; Lucena, 2023; 2024).

Ao sermos aceitos no campo, entramos em contato com a PCR para comunicar a condução da pesquisa, enviando documento de vínculo com o Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI-UFRPE/Fundaj) e o anteprojeto que utilizamos no processo seletivo do mestrado. Prontamente recebemos a carta de anuência para o avanço da investigação.

Dessa forma, na entrevista semiestruturada, a docente colaborou com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e gravação de áudio. Concomitantemente a isso, ressaltamos que a identificação das pessoas ocorreria por meio do uso de pseudônimos, indicados por elas mesmas, de maneira a preservar os nomes reais. Assim, a docente será identificada como Almeida e o garoto venezuelano como José.

Quanto à estadia na única escola que atendeu às características delimitadas para a investigação, as observações tiveram início no dia 28 de outubro, prosseguindo nos dias 4, 18 e 25 de novembro, sempre no turno da manhã. Permanecemos na escola para observação durante as aulas deste período a fim de observar, de forma participativa, a prática docente. O objetivo era identificar a presença ou lacuna de estratégias que caminham no campo da educação intercultural nas aulas de Almeida e na turma onde José, a criança em condição de migração latino-americana.

Sobre o conteúdo da entrevista, abordamos temas como o que mudou na prática da professora com a chegada da criança naquele ano, sua formação profissional, desafios da sala de aula, educação intercultural, diferenças entre as culturas brasileira e estrangeira, cultura venezuelana, a relação da criança com a escola e com outras crianças brasileiras. O ambiente utilizado para a entrevista foi o pátio da escola.

A seguir, abordamos o tema de como a prática docente e a relação docente-discente é afetada com a chegada de uma criança venezuelana na condição de migrante,

tendo como pressuposto a perspectiva intercultural de educação, no contexto de turma do primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Recife.

4 ANÁLISE ETNOGRÁFICA

A partir dos dados da pesquisa, refletimos sobre a presença em campo, seguindo os relatos da docente, assim como as análises das categorias que emergem dessas falas em diálogo com os pressupostos da interculturalidade crítica (Walsh, 2009; 2012; Candau, 2020).

A escola que foi o campo de pesquisa localiza-se em um bairro próximo ao que o pesquisador mora no Recife, o que facilitou o acesso e locomoção à unidade. A comunidade no entorno da escola, em sua grande maioria, é formada por famílias e lares de baixa renda, especialmente, como se percebe pelas precariedades na estrutura física da área, como ruas não asfaltadas e ausência de saneamento básico.

Estruturalmente falando, a escola é de grande porte. Entretanto, a sala na qual observamos as aulas não comportaria o quantitativo da turma que está na lista de chamada, percepção confirmada pela professora. Sobre a composição do corpo docente, pude apreender que, majoritariamente, é feita por mulheres brancas. Quanto ao corpo estudantil, ele é formado por 687 estudantes cuja diversidade de raça e gênero pode ser verificada abaixo nos dados obtidos pelo Portal de Transparência da Prefeitura da Cidade do Recife:

Quadro 2

SEXO FEMININO

AMARELA	BRANCA	NEGRA	PARDA	Total
8	54	40	232	334

SEXO MASCULINO

AMARELA	BRANCA	NEGRA	PARDA	Total
1	55	34	263	353

Fonte: Quadros adaptados dos dados fornecidos por Sege. Referência: dezembro/2025.

Tendo em vista os pressupostos éticos de pesquisa, solicitamos à professora e ao estudante venezuelano que informassem pseudônimos a fim de manter o anonimato deles no texto. Este procedimento está alinhado às abordagens etnográficas de décadas mais recentes em relação aos sujeitos da pesquisa.

Ademais, a mudança na perspectiva sobre sujeitos da pesquisa indica que as pessoas outrora não seriam mencionadas ou consideradas como indivíduos, apenas as informações compartilhadas por elas mesmas. Após anos de debates sobre as posições ocupadas por quem faz a pesquisa e quem participa dela, é possível ver que agentes sociais que compõem as investigações têm tido o devido reconhecimento e valorização de suas práticas, falas, e trajetórias que contribuíram para que tais discursos alcançassem o estado atual (Carvalho, 2001).

Ressaltamos que observar as práticas pedagógicas por meio do paradigma da interculturalidade crítica revela-se desafiador, ao passo que representa um caminho propício para compreendermos como os atravessamentos identitários articulam-se no exercício da prática docente diante da pluralidade presente nas salas de aulas (Walsh, 2012).

Além disso, na medida em que se compreende o fenômeno migratório latino-americano, que tem progredido de forma mais intensa recentemente, como um movimento forçado por razão da instabilidade socioeconômica que a Venezuela vem enfrentando, constatamos que a chegada desses sujeitos no Brasil em busca da continuidade de suas vivências, diga-se de passagem, encontra obstáculos socioculturais que reproduzem ideias oriundas da colonialidade do ser, do saber e do poder, problematizadas por Quijano (2019). Isso posto, partimos para a análise da minha experiência com os elementos da vivência etnográfica atrelada à oralidade de uma docente da turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, que foi consultada durante a pesquisa de campo.

Convém ressaltar que logo no primeiro dia de observação de aula, o aluno não compareceu à escola. Uma vez que a relação da professora brasileira com o estudante venezuelano faz parte do interesse da pesquisa, a ausência de José na escola poderia provocar uma reação negativa no pesquisador, visto que tínhamos poucas oportunidades de visitar o campo escolar.

Compreendemos, no entanto, que permanecer e fazer a observação participante naquele momento seria interessante para que pudesse haver uma inserção na rotina escolar de boas-vindas, formar fila para ir à sala de aula. O pesquisador deveria se posicionar no fundo da sala para não gerar maiores distrações durante as aulas, acompanhar a turma na busca do lanche na cozinha, voltar para sala de aula, comer o lanche com as crianças, e por fim, aguardar seus responsáveis chegarem para encerrar as atividades da manhã. Dessa forma, se desenvolveria uma construção mútua da relação de confiança entre pesquisador e sujeitos do campo de pesquisa. Com isso, podemos dizer que foi um feliz momento para a aceitação da presença do pesquisador por parte das crianças e profissionais da educação (Mattos, 2011; Oliveira, 2018).

No segundo dia de observação, já com a presença de José, ocorreu uma aula de leitura de um texto no gênero parlenda que falava sobre características culturais afro-brasileiras, além da coletiva leitura em voz alta para que estudantes pudessem reconhecer os sons das palavras do texto e suas grafias. Posteriormente, houve outra atividade com foco na identificação, na escrita e na pronúncia de palavras que continham uma consoante acompanhada da letra "h" em sua estrutura, por exemplo: "ch", "lh"e "nh". José participou ativamente. Apesar de dificuldades linguísticas na pronúncia de algumas palavras, a compreensão textual e a atividade posterior foram cumpridas com sucesso.

No terceiro dia de observação, ocorreu a entrevista semiestruturada com Almeida. Para a atividade, fomos ao pátio da escola, a mesma área onde é feita a acolhida para iniciar o dia. Então, durante a entrevista, havia ruídos comuns a qualquer escola infantil, principalmente porque nossa conversa se iniciou pouco antes do intervalo – quando estudantes saem da sala, vão à cozinha pegar o lanche da manhã e retornam à sala para lanchar – e terminou depois da retomada para as atividades didáticas do dia. Durante o tempo dedicado à entrevista, as crianças faziam uma atividade indicada por Almeida e estavam sob os cuidados da Agente de Apoio ao Desenvolvimento Escolar Especial (Aadee) da turma.

No quarto e último dia de observação de campo, José estava presente e bastante participativo em sala, como foi durante todo o período de observação participante. O foco do dia foi trabalhar em cima da canção infantil "Descobrindo a África" (Sol e lua kids africanidades, 2025). A canção, como indica o título, refere-se ao continente africano e suas influências culturais para o Brasil. Houve um ensaio coletivo para cantar a música e a confecção de um colar, de papel, inspirado em estilos e cores relacionadas às roupas utilizadas comumente por pessoas de países africanos.

No conjunto da experiência no campo escolar, esse foi o dia de encerramento das nossas atividades e do nosso agradecimento pela colaboração e participação efetiva de todos. Foi reforçada a disponibilidade para futuros momentos, o que demonstra a consciência profissional e intelectual da importância da relação entre a escola pública, o ensino superior e o fortalecimento de pesquisas acadêmicas.

É importante salientar que trazemos essas considerações a fim de compartilhar momentos da fase de campo que são influenciados por fatores do dia a dia, principalmente em contexto escolar, e que raramente são apontados em investigações acadêmicas que utilizam elementos etnográficos. Assim, compreendemos que as dificuldades e adaptações necessárias que surgem em campo, e a partir dele, também são aspectos

importantes na construção e delimitação do que contribui para a investigação científica (Mattos, 2011; Oliveira, 2018).

Organizamos tópicos articulados com o interesse central da pesquisa a fim de ajudar na estrutura da entrevista e nas considerações analíticas em torno da fala de Almeida. Os tópicos são: Formação docente. Acolhimento de José; Barreiras linguísticas; Práticas pedagógicas; Compreensão sobre interculturalidade; Migração internacional; Suporte institucional; Ensino e aprendizagem em contexto de migração. Assim, pudemos abordar temas que influenciam direta ou indiretamente a prática docente de Almeida.

A respeito da trajetória biográfica da docente, Almeida é uma mulher de 57 anos que trabalha com educação infantil há cerca de 38 anos. Formada em Pedagogia, com pós-graduação em Educação Infantil. No ano de 2025, recebeu José na escola. Comentou: "[...] ele chegou mais ou menos entre março e abril. A socialização dele foi muito tranquila, assim, ele é muito aberto. O maior problema foi a linguagem, ele fala espanhol, mas ele entende quase tudo que a gente diz".

Quanto à diversidade cultural, em sua formação profissional, ela indica seu interesse "em relação à diversidade que existe no Brasil. Essa mistura de raças e culturas que existem no nosso país. No entanto, nunca houve nada específico entre crianças que emigram de países". Portanto, já é reconhecida uma lacuna significativa na formação docente, a necessidade de dialogar e ampliar seus horizontes para temáticas que vão além do que já é conhecido no território brasileiro, a exemplo do fluxo migratório venezuelano (IBGE, 2025). Para Almeida, a migração internacional é novidade, posto que: "[...] nesse tempo todinho de 38 anos, eu nunca recebi uma criança de outro país". A relação do Brasil com pessoas de outros países não é recente, entretanto, o contexto social, cultural e econômico da globalização possivelmente afeta a jornada migrante no novo cenário internacional (Salmerón; Salmerón, 2019; Lucena, 2023).

Sobre as motivações das pessoas para saírem da Venezuela, Almeida comenta que o que ela sabe é através de José, uma vez que: "[...] meu próprio aluno disse que estava em guerra e que eles se escondiam para não morrer. Muito tranquilamente, assim, não demonstrou nenhum trauma, nada". Com base nisso, percebemos que houve escuta por parte da docente em relação à situação de José para além da escola, algo de muita importância para a externalização de sentimentos que o menino carrega, assim como outras pessoas na condição de migrante internacional (Schmidt, 2006).

Como já assinalado, o deslocamento para outros territórios envolve, dentre outros componentes, a busca por melhores condições de vida e valorização profissional. No entanto, o movimento venezuelano mais notório nos últimos anos está também

relacionado às ações e reações políticas que impactam a vida de cidadãos e cidadãs na Venezuela que, diante deste contexto, saem de seu país de origem de maneira forçada (Salmerón; Salmerón, 2019).

Portanto, falar de sentimentos é uma prática de cuidado ainda mais singular neste contexto, pois podem se relacionar com a saudade da Venezuela, a vontade de voltar para lá, a construção de novas relações no e com o local onde se habita atualmente. Então, ter momentos para que as sensações provocadas pela jornada migrante sejam externalizadas é de grande relevância para a experiência humana, ainda mais sensível na fase infantil, como abordado na tese de Lucena (2023) ao trabalhar com crianças migrantes da Venezuela e seus desenhos.

Como ilustração, em meio às diversas interações que Lucena (2023, p. 127-8) teve com os sujeitos da pesquisa dela, uma conversa me chamou bastante atenção, ela relata:

> [...] a criança, de modo espontâneo, acrescentou: 'Sabia que eu vou voltar para Venezuela?'. Eu, surpresa porque eles tinham acabado de chegar, perguntei: 'Quando?'. Ela responde: 'Ainda vai demorar...quando Maduro morrer'. Logo, a forma direta de afirmar que irá voltar à Venezuela indica uma forma de resistência [...]"

Diante dessa fala, é perceptível a compreensão da criança sobre as motivações que a levaram a sair da Venezuela, junto com a família, em busca de um contexto social mais digno e seguro. Além disso, a possibilidade da volta é mencionada pela criança apenas na eventualidade da morte do então presidente Nicolás Maduro. Por ter vivido em um regime ditatorial, para a criança a mudança do cenário político não viria por meio dos votos da população venezuelana.

Quando abordamos a percepção de José sobre o próprio movimento migratório, Almeida relata que sua percepção é que ele teve uma experiência positiva em sua vinda ao Brasil quando aponta que: "[...] ele veio feliz, porque ele estava saindo de uma guerra, uma guerra, assim, de um conflito armado, que ele via as pessoas morrerem. Então, ele veio para um ambiente de paz e de acolhimento".

Enquanto a segurança de cidadãos e cidadãs da Venezuela tem sofrido explícitos ataques internos e externos, permanecer no território demonstra ser um ato de luta e resistência. Por outro lado, a migração evidencia os desafios que surgem para aquelas pessoas que decidem sair momentaneamente. A própria migração forçada se configura como um percurso marcado pela violência por não ocorrer em condições adequadas, nem por saber o que encontrará ao entrar em um território ao qual não pertence

(Weitzman; Huss, 2024). A título de exemplo, protestos públicos contra o governo de Maduro foram fortemente combatidos pelo exército venezuelano. Itens básicos do cotidiano têm tido preços cada vez mais elevados e a quantidade escassa. Houveram ataques violentos orquestrados, principalmente, pelo governo dos Estados Unidos da América a fim de desequilibrar e manipular a Venezuela (Salmerón; Salmerón, 2019; García-MayoralFrauca, 2025; Nascimento, 2025).

Portanto, migrantes em direção ao Brasil têm encontrado um contexto de vida mais seguro, digno, e um processo de acolhimento que, pelo menos inicialmente, busca compreender e direcionar quem chega a locais que demonstram estrutura para a interiorização enquanto o país de origem enfrenta desafios políticos e econômicos (Salmerón; Salmerón, 2019; Lucena, 2023).

Já na escola, José teve uma "[...] socialização muito boa com o grupo, logo no começo, nem parecia que tinha vindo de outro país. Os meninos às vezes perguntavam:'Por que tu fala assim?'. Ele dizia: 'Porque eu sou de outro lugar', dizia do jeito dele". A língua espanhola, apesar de distinta da portuguesa, não apresentou ser um obstáculo na relação de José com todas as pessoas na escola, pelo contrário, foi fator de curiosidade e aproximação entre as pessoas que tinham contato com o menino venezuelano (Gondin, 2020).

Logo depois, Almeida se mostrou consciente sobre a importância do acolhimento e respeito diante da diversidade: "Como a gente trabalha a diferença de raça, religião e todos os outros aspectos, para não haver nunca *bullying* em sala de aula e nenhum lugar da escola, então, isso foi mais uma coisa que entrou como sendo um diferencial". Assim como Walsh (2009; 2012) e Candau (2020) apontam, percebemos que as experiências e expressões linguísticas e culturais de José foram abordadas de acordo com o que a interculturalidade crítica traz, de maneira contextualizada, com respeito e sem estigmas em relação à situação que a Venezuela vem enfrentando (Salmerón; Salmerón, 2019).

Entretanto, observamos na fala de Almeida, e em sua própria *práxis* pedagógica, que todas essas abordagens partiram da própria docente, visto que não houve preparo algum para a inserção da criança na comunidade escolar: "Eu só recebi o comunicado de que eu tinha um novo aluno e que esse aluno estava vindo da Venezuela. Só isso. E ele chegou, eu tentei conversar um pouco, tentando conversar com ele e a gente foi se adaptando". O relato de Almeida se aproxima de muitas outras realidades docentes que, sem apoio institucional nem pedagógico, fazem uso de sua própria epistemologia educacional para trabalhar com a diversidade que encontram na escola (Andrade *et al*., 2025).

Em relação à compreensão de interculturalidade crítica, Almeida fala que está presente durante todo o ano, não apenas em momentos específicos:

> Eu acho muito rico, sabe? Porque eles percebem, principalmente esse mês, a gente tá trabalhando com Consciência Negra, né? Então veja, eles percebem que o que eles sabem não é só do brasileiro. Nós somos uma mistura de várias aprendizagens, de vários povos. Então, eles sabem disso, porque a gente trata durante o ano inteiro, sobre o carnaval, de onde veio [...].

Nesse depoimento, é possível ver que a consciência quanto à relevância e aplicabilidade da interculturalidade crítica compõe a prática pedagógica de Almeida quando, segundo ela, assuntos relativos à diversidade cultural, étnica, de raça, dentre outras características sociais, estão no cotidiano escolar durante todo o ano letivo, não apenas em datas comemorativas, nem de maneira a diminuir o valor de determinadas práticas culturais em comparação a outras (Walsh, 2012; Candau, 2020).

Com isso, é possível compreender, pela fala de Almeida, que apesar de não ter ocorrido uma preparação formal para a chegada de José, e sua inserção na escola, o dia a dia se mostrou um grande aliado para que a docente pudesse aplicar a interculturalidade crítica. Fato este que não é apoiado, também, pela formação profissional de Almeida, mas por sua própria epistemologia e pedagogia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos analisar a fala de uma docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública do Recife que tem, em sua turma, uma criança migrante da Venezuela. Para tanto, utilizamos alguns elementos característicos da metodologia etnográfica, como observação participante, manutenção de um caderno de campo, vivência com os sujeitos da pesquisa, e entrevista semiestruturada, questões que foram cruciais para a compreensão dos resultados aqui discutidos.

Primeiramente, as investigações que se aproximam da escola pública no processo de chegada e vivência de crianças em situação de migração internacional focam precisamente no campo jurídico de acesso à educação pública de qualidade. Entretanto, ainda são tímidas as análises e relatos sobre o que acontece posteriormente à entrada de estudantes com esse perfil, e os anos iniciais do Ensino Fundamental ainda demonstram ser um período pouco abordado.

Outro ponto parte justamente dessa lacuna pois, ao encontrar experiências dentro das escolas, as perspectivas apontadas são da gestão e coordenação escolar.

Poucas delas focam na experiência e abordagem de docentes no chão da escola, lugar que é diretamente impactado pela chegada de pessoas na condição de migrantes e ou refugiados.

Portanto, a partir disto, e através de elementos da metodologia etnográfica, foi possível conviver, dentro do tempo determinado, com a turma de primeiro ano do Ensino Fundamental da escola municipal selecionada. A experiência foi bastante enriquecedora, como pesquisador, e de grande contribuição para o campo de investigação na busca de compreender como a prática docente é impactada pela chegada da migração venezuelana nas escolas brasileiras.

Diante do que foi tratado neste ensaio, reforçamos a importância da condução de outras pesquisas que visem contribuir para o fomento de políticas públicas educacionais para que o acesso, a permanência e o sucesso escolar da população migrante no Brasil sejam cada vez menos conturbados e violentos.

Por fim, enfatizamos a prática docente de Almeida que, assim como a de muitas outras, mesmo sem apoio institucional nem pedagógico, buscam construir pontes entre si e seus estudantes, e entre o corpo estudantil diverso que frequenta suas salas de aula. Foi possível reconhecer que Almeida é uma profissional consciente das relações étnico-educacionais e como elas permeiam a sociedade, de modo que sua epistemologia e pedagogia ordenam uma inspiradora prática docente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eduardo Rafael Silva de; RODRIGUES, Cibele Maria Lima; LIRA, Wagner Lins. "Prática docente e migração venezuelana no Brasil: Uma revisão de literatura". *In*: *Anais Rede Estrado.* Salvador: Uneb, 2025. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/xiv-seminario-internacional-rede-estrado/1231731-PRÁTICA-DOCENTE-E-MIGRACAO-VENEZUELANA-NO-BRASIL--UMA-REVISAO--DE-LITERATURA. Acesso em: 07 fev. 2026.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmasso Afonso de. *Etnografia da prática escolar.* 18. ed. Campinas: Papirus, 2012.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAPTAGLIN, Leila Adriana; OLIVEIRA, Gabrielle. "A imigração venezuelana e o contexto da alfabetização de crianças brasileiras e venezuelanas em escolas municipais de Boa Vista, Roraima, Brasil: um olhar para as considerações da gestão. Dossiê Alfabetização e Currículo: entre a fixação de significados e as experimentações que criam fissuras e possibilitam outros modos de vida". *Educar em Revista*, Curitiba, v. 40, e925442, 1-18 p., 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/WLCvhnTDPkjkJvp9nLC5pXP/?lang=pt>. Acesso em: 06 nov. 2025.

BARBOSA, Isabela Vieira; FISTAROL, Caique Fernando da Silva; SILVEIRA, Éderson Luís. "Línguas de herança e de imigração: notas sobre comunidades linguísticas e (co) existência sociocultural no Brasil". *Revista Água Viva*, [S. l.], v. 5, n. 3, 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i3.35812. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/35812. Acesso em: 7 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. "Institui a Lei de Migração". *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 maio 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 24 jul. 2025.

CANDAU, Vera Maria. "Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes". *Rev. Espaço do Currículo* (online), João Pessoa, v.13, n. especial, p. 678-686, dez., 2020. Disponível em: <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2022/05/DIFEREN%C3%87AS-

EDUCA%C3%87%C3%83O-INTERCULTURAL-E-DECOLONIALIDADE.pdf. Acesso em: 27 nov. 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DANTAS, Mariana Albuquerque; ANDRADE, Juliana Alves de; LIRA, Wagner. *Relatório de pesquisa – Diagnóstico da população de migrantes internacionais, refugiados e apátridas em Recife.* Recife: Edufrpe, 2025.

GONDIN, Janaína Silva; PINEZI, Ana Keila Mosca; MENEZES, Marilda Aparecida de. "Alteridade e interculturalidade na escola: um estudo etnográfico sobre estudantes bolivianos em São Paulo". *In: Revista Brasileira Estudos Pedagógicos,* 101(259), pp. 607-626, 2020 Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeped/a/NSbNpxTJbjyByKhmZYZjKYs/?format=html&lang=pt. Acesso em: 26 nov. 2025.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

HOOKS, Bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar.* Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo demográfico* 2022: fecundidade e migração: resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. 129 p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102187 .pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.

LAMARÃO, Naira Gomes. *Ensino de línguas e acolhimento na escola*: práticas dos professores de línguas no contexto migratório de Roraima. 2025. 191 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2025. Disponível em:https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/00774ac1-2dc3-45b6-aecb-138c91a79b05/content. 06 nov. 2025.

LINS, Mariane. *Além das fronteiras:* processos de escolarização de crianças venezuelanas em uma escola pública brasileira. 2024. 188 f.: enc, il., color. Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/items/384a0026-b955-463e-8179-db9c7a25c373. Acesso em: 06 nov. 2025.

LUCENA, Camila da Silva. *Narrativas do acolhimento:* ressonâncias político-discursivas da/na integração escolar do migrante/refugiado venezuelano no município de Igarassu/PE. 2023. 234 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. – Recife, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/51429/1/TESE%20Camila%20da%20Silva%20Lucena.pdf. Acesso em: 6 nov. 2025.

LUCENA, Camila da Silva. "A escolarização venezuelana em Igarassu/Pernambuco: migração venezuelana, exclusão e resistência". *Revista Diálogo Educacional: Educação em Contextos Humanitários*, vol. 24, n. 81, p. 505-527, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.081.DS06. Acesso em: 20 ago. 2024.

MATOS-DE-SOUZA, R.; RODRIGUES, M. dos R.; BARBOSA DE MOURA, E. M. "Migração e educação: a invisibilização do migrante nos documentos curriculares da região Nordeste do Brasil". *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 31, n. jan/dez, p. 1–21, 2022. DOI: 10.29286/rep.v31ijan/dez.12671. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/12671. Acesso em: 20 ago. 2024.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. "A abordagem etnográfica na investigação científica". In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (org.). *Etnografia e educação:* conceitos e usos. João Pessoa: Eduepb, 2011a. (pp.49-83). Disponível em: https://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.

MONTEIRO DE OLIVEIRA, Gabrielli. "Manifestações de imigrantes venezuelanos de 4° e 5° anos do ensino fundamental no contexto de práticas associadas ao ensino e à aprendizagem matemática". 2024. 132 p. Dissertação (Mestrado acadêmico Campus de Cascavel) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática, Cascavel, 2024. Disponível em: <https://siprovel.com.br/wp-content/uploads/2024/11/Gabrielli-Monteiro-de-Oliveira_2024.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2025.

OLIVEIRA, Amurabi; BOIN, Felipe; BÚRIGO, Beatriz Demboski. "Quem tem medo de Etnografia?" *In: Revista Contemporânea de Educação* 13(26), pp. 10-30, 2018. Disponível em: https://bit.ly/3ZI0rkj. Acesso em: 28 nov. 2025.

QUIJANO. Aníbal. *Aníbal Quijano:* ensayos en torno a la colonialidad del poder; compilado por Walter Mignolo. Buenos Aires: Del Signo, 2019.

RIBEIRO, Helana Bartira Bernardino. "Projeto operação acolhida: um estudo sobre a integração de refugiados venezuelanos na cidade de Recife-PE". 2022. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Especialização em Gestão Pública Municipal, Recife, 2022.

SAFORCADA, F.; XIMENES, S. "El derecho a la educación en América Latina y el Caribe. Disputas políticas y reconfiguraciones regionales". *Tramas y Redes*, [S. l.], n. 6, p. 17–28, 2024. DOI: 10.54871/cl4c600a. Disponível em: https://tramasyredes-ojs.clacso.org/ojs/index.php/tyr/article/view/411. Acesso em: 27 jan. 2026.

SALMERÓN, Melissa; SALMERÓN, Carlos. "¿Por qué Nicolás Maduro sigue en el poder pese al colapso de Venezuela?Notes internacionals" - *Cidob* : Barcelona, 2019. Disponível em: https://www.cidob.org/sites/default/files/2024-07/NOTES%20211_MELISSA%20SALMER%C3%93N%20%26%20CARLOS%20SALMER%C3%93N_CAST.pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.

SÁNCHEZ, Daniel Guillermo Gordillo. "'*Aúnmejorandoel mundo*': experiências de estudantes venezuelanos/as em escolas paraibanas". 2024. 286 f.: il. Tese (Doutorado) - UFPB/CE - Programa de Pós-graduação em Educação. João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/31998>. Acesso em: 06 nov. 2025.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. "Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas". *In: Revista de Psicologia* da USP, 17(02), 2006 (pp.11-41). Disponível em: https://bit.ly/44OxO8I. Acesso em: 25 nov. 2025.

WALSH, Catherine. "Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver". In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Educação Intercultural na América Latina:* entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

WALSH, Catherine. "Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas". *Visão Global*, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012. disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412/1511. Acesso em: 29 nov. 2025.

XIMENES, Salomão Barros. *Direito à qualidade na Educação Básica:* Teoria e crítica. São Paulo: Quartier Latin, 2014.